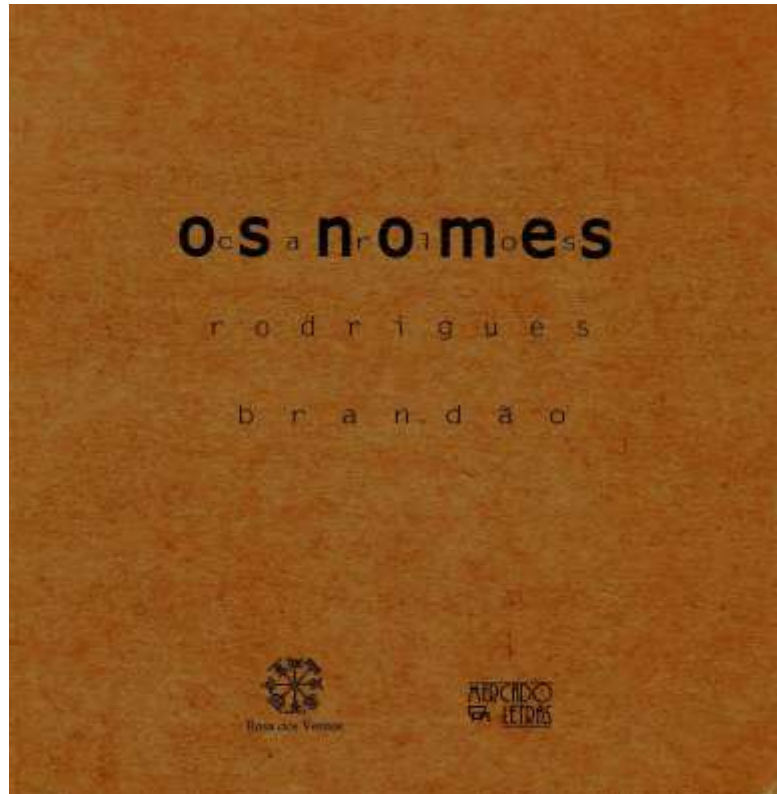


OS NOMES
ESCRITOS SOBRE O OUTRO



Carlos
Rodrigues
Brandão

*Homens, gente do pó e de toda a espécie
gente de ócio e de negócio, gente de
confins e gente de mais além, oh, gente
de pouco peso na memória destes
lugares, gente das planuras e dos
planaltos e dos mais altos recantos deste
mundo nos extremos de nossos rios;
farejadores de signos, de sementes, e
confessores dos ventos de Oeste;
seguidores de pistas, das estações do
ano, levantadores de acampamentos aos
ventos do alvorecer, oh, procuradores de
olhos d'água na casca da terra, oh,
buscadores, descobridores de razões
para ir-se a outras terras.*

Saint-John Perse
Anabasis

Sobre estes nomes

Do primeiro ao último, será fácil ver que cada poema é uma pessoa: o seu nome e o que a lembrança dele evocou, em um momento, em mim, que me chamo Carlos.

Alguns poemas vêm de outros livros. Foram trazidos da companhia de outros escritos e foram revistos, alguns muito, outros, quase nada. Chegaram aqui pelos seus nomes, pelas pessoas que evocam, pelos tempos que habitamos um dia, antes, e que agora eu quero sempre recordar. E eu me senti feliz por estar entre eles uma outra vez.

Outros, quase todos, foram sentidos e foram escritos para este livro. Amigos de tempos antigos.

Companheiros de outras eras, tão perto e tão distantes, entre o Rio de Janeiro, o mundo e o Brasil Central.

Ou as pessoas convividas mais tarde, como três homens de lavoura e gado em São Luís do Paraitinga. Muitos, entre Moisés e Don Quixote, são personagens do Mundo. Uns foram descobertos cedo, como meu Pai, Carlos Drummond de Andrade ou Teilhard de Chardin. Outros foram achados tardios da vida, como Jorge Luis Borges, Adélia Prado ou Emmanuel Levinas.

Os outros são, aqui, como também na vida de todos nós, as pessoas de sempre ou de um breve momento. Mas, porque estão aqui, nunca foram esquecidos. Uns são as pessoas com quem por dias ou por quase toda a vida eu convivi tempos e lugares. De outros habitei um mesmo lugar – a minha cidade natal, por exemplo – em tempos diferentes. Com outros, partilhei um mesmo tempo de vida em lugares diferentes, distantes, muitas vezes. Alguns me antecederam de milênios, outros, de alguns dias. Quantos estarão ainda aqui quando eu já não estiver mais? O escrever sobre as pessoas destes nomes um por um, às vezes em uma série de um só golpe, como os gregos e troianos, outras vezes, desordenadamente, tal como vinham, tal como se faziam escrever em mim, começou a ser um costume inesperado.

Muitas coisas de que se acaba gostando começam assim mesmo, no puro acaso. Estes poemas pequeninos não os escrevi. Fui escrevendo. A idéia de um livro surgiu bem mais tarde. Quando eles A haviam virado de alguns a muitos, e começaram a querer de mim uma casa que os abrigasse. Não deve ser bom costume escrever todo um livro de poemas sobre as pessoas evocando os seus nomes. Se fosse, outros já o teriam feito e isto até poderia ser

uma boa prática de literatura. Ainda mais que, até onde pude, evitei qualquer tom de uma ode. Lembrando, ao escrever à volta de pessoas próximas agora ou já distantes, e sobre vivos e mortos, procurei fugir dela e do epitáfio. Vivos e mortos merecem a lembrança de um destino melhor.

***Rosa dos Ventos
Vale da Pedra Branca
Outono de 1999***

Emilie Dickinson

Guardei o gosto de olhar pela janela
mas não vi fora. Feri os olhos da alma
e envelheci com o vinho. Cresci dentro
de mim um arvoredor: sou sem sombras.
Sofri? Não sei. O que é sofrer? É isto?
Isto eu escrevo como quem arranha o corpo
e com as mãos se lava em lava acesa.

Rainer Maria Rilke

Suponho haver sido sonho:
um rosto, só o rosto sem o olhar
de um anjo quando dorme
e por um momento esquece ser eterno.
E então, ébrio de um sonho assim
sonha não acordar.

Pierre Teilhard de Chardin

Algo era de areia
e era de ouro.
Mas não a Era do Ouro
não ainda.
E era de água e pólen
seiva e vida. E assim
era tudo tão havendo
e convergindo
a um lugar tão longe
e tão humano e tão
saindo de si mesmo
e sendo um outro:
que no chão do céu
um deus chorava
ser tão eterno e de um barro
tão sem-fim.

Dois sertanejos de Minas**Manuelzão**

(no Andrequicé, poucos meses antes de ir embora aboiar em outros campos)

A tralha pendurada
na parede. Guiei boiada
desde que era gente.
Alarguei sertões
com a minha tropa
e chamei trovões
com o meu repente:
eh boi! eh boi! eh boi!
Agora – velho – eu sei:
o melhor caminho
mano, é o que já foi.

João Braço

(no Mendanha, beiras de Diamantina)

Lavrei diamante
uma vida e meia
inteira.
Ganhei esta pele suja
e este sangue
na lama da peneira.

Seféris

Aqui, nesta colina onde me vedes
voltado ao vento, ao mar
os deuses de agora sufocaram
os nossos, de antigos nomes.
Acendemos fogos que de longe se vê
mas já não sabemos mais a quem.
Algumas flores cor-de-vinho, cor-da-pele
as nossas moças deitam sobre o altar.
Mas os cantos sem harpas destes gestos
apenas os velhos, os mudos e os mortos sabiam entoar.
Dizemos preces como antes
mas já são tantas as línguas
e tão estranhas, com que se implora
o pão aos deuses.

Jorge Luís Borges***um***

Uma só coisa não há:
o esquecimento.
A memória é tudo
todo o tempo.
E uma coisa só existe:
este momento.
Uma rua esquecida
em outra rua
e a fagulha fugaz
de seu presente.
O dom de haver agora
isso – e isto é sempre
e o fugir do azar
deste segundo.
O resto é a morte
a sombra e o sonho.
É olhar contra o vidro
e ver o mundo.
É uma faca sem lâmina
sem o cabo.
É um poço de água clara
todo água:
sem o balde e sem a borda.
Sem o fundo.

dois

Carrego no rosto
que ora vedes
A cicatriz de um outro.
Lutei, fugi e foi assim:
sua espada o cortou
e dói em mim...

Lira Marques

(em algum lugar do Jequitinhonha)

Colhia com as duas mãos
o barro da vereda
como quem semeia
o milho.
Depois modelava rostos
no fundo do quintal
como quem molda
um filho.

Fernando Pessoa*um*

Me vi fingindo ao dizer
a dor que não sinto e canto
na dor que sinto e não conto.
E assim, não sei o que é dor
entre o meu riso e meu pranto:
a dor que não sinto e escrevo?
Ou a dor que sinto e escondo?

Alice*(ali, naquele outro país)*

Por detrás do rosto do espelho
um outro espelho espiava
o seu olhar espantado.
E ela, Alice, não sabia mais
se era ela quem olhava o espelho
ou se o rosto do espelho era
de uma outra menina e era dela
olhando e se vendo do outro lado.

Pablo Neruda

Faço poemas — é o meu ofício!
E com nomes e cebolas
invento o corpo de Matilde
a canção do livre
e a dor do Sul.
O que se escreva
é só o que se sente
e o que se aprende
é por detrás do vento.

Pablo Picasso

A arte é entre cegos.
De olhos fechados
eu vejo tudo isto
e não do que eu olho
mas do que eu sinto.
Do que a mim mesmo
eu digo, ao pintar
que havia visto.

Thomas Merton

(quando no oriente)

Passa a água

de agora

pela ponte.

E a água

de antes:

está aonde?

Tagore

(quando no ocidente)

Quando eu disse o nome

dela: *Lua Cheia!*

Um luar me nasceu

no chão de areia.

Bion

Quem lembra
de mim? Quem?
Quando eu sou
e não sou eu
nem quando
e nem assim?

Mário Quintana

Quando eu me pinto
não sei de mim.
Não sei se minto
pois o retrato
de tão fiel
(dito e não dito)
sai diferente
(assim... assim)
de como eu sou.
De como eu sinto.

Carlitos

Deixou quando morto
mais ou menos isto:
um chapéu preto, roto
dois tocos de cigarro
e um resto de bengala.
Um certo ar de outro
um par de sapatos
a casaca, um lenço
e o sorriso triste
da alma de seu rosto.

Ernesto Cardenal

Escrevo com madeira.
Ajunto a palha e a lenha
e ponho fogo em tudo:
o que clareia é poema
o que arde, profecia.

Bastião Bento

(do "povo dos Bento" em Goiás: foliões de Santos Reis)

De tão longe eu venho vindo
gente... e nem bem cheguei.
E nem sei se fui ou vim:
nem sei se andei
o tanto da promessa
que os meus de antanho
me fizeram um dia.
Mas cantei pra Santos Reis:
cantei! cantei!

Alguns do Hai-kai**Issa**

a pedra jogada na lagoa
a onda toca a ave
a ave voa

Lao-Tse

a taça vazia, virada
não derrama nada
derrama a taça.

Basho***um***

de teu poema
um nome só bastou:
basho.

dois

saiu e caminhou
a tarde inteira só
para ver no lago
a lua cheia

três

a rã na água a flor a lua
no poema da imagem
vaga e tua.

Carlos Brandão

Ah! Eu sabia que haveria de ganhar
essa fogueira acesa no horizonte
desse sol que anoitece como um mago
quando escolhi a janela da asa esquerda
deste avião que voa e vai pra onde?

Carlos Drummond de Andrade***um***

A memória refaz
o que ela fez,
Quando eu lembro
é ontem, outra vez,

dois

Esquece em mim
lembrança, esquece
o que eu recordo
quando escrevo,
Pois dói na alma
o ontem nesse agora.

Sidarta Gautama

São seis horas de novo
e agora é sempre.
tudo o que vive está
morrendo em mim
aqui, debaixo deste verde
de uma sombra amiga
que me é uma árvore e é o nada.
O sol se põe se acaso existe
e eu sou quem? Se penso assim:
tudo é tão só e é tanto
e é fortuito como a pedra
ou é eterno como a flor
o passar da vida pela alma
a que morre e volta e amanhece
e na manhã dói de novo
de ser de novo a dor?

Jorge Luís Borges***três***

Me espio no espelho
e ele me espelha
a imagem do outro
de meu rosto.
O eu onde me olho
e não me vejo.
Onde não vejo ninguém
e vejo o outro.

Três viventes do Alto Paraíba
O primeiro

Dito

(Benedito, vindo de Cunha)

Não que dissesse
(mestre de congos)
palavra alguma
que se escrevesse.
Sério e sereno
(folião de Reis)
homem de Cunha
ponteava o pinho
como uma reza
como num Credo,
Cantava versos
foliava ditos
falava missas
de antigo acento
dessas lonjuras.
Vinha de longe
(do outro lado)
chegava quieto
como se ontem.
Cantava lento
com voz em quinta
quadras de enredo
com que se amasse
e em que se cresse.

O segundo**Odilon***(vindo do Pinga)*

Plantava alho
colhia milho,
Falava alto
como um arauto.
Mesmo da morte
gritava o nome
simples — sem medo,
Aos sete ventos
alardeava
tanto o pregão
quanto o segredo.
Plantava milho
colhia alho.

Lavrava a terra
como se um filho,
Falava estrondos
gostava pouco
de achar-se mudo
no espelho opaco
do seu silêncio.
Achava aquilo
como se fosse
o lado amargo
e entristecido
dos sete meses
do seu degredo.

O terceiro**Agenor***(da Cachoeirinha)*

Pensava versos
dizia feitos
tão de repente
como um poema
saindo pronto
do chão da mente.
Sobre seus santos
ponteava preces
de tal ternura
que aquilo tudo
a noite vinha
e fiava lindo
no seu colete
de Sete-estrela.
Do dia treze

ao dia seis
cantava versos
pra Santos Reis.
Era tão quando
e rimava frases
pensando nomes
de um sentimento
que – ditos – ouro
eram tal brilho
por um momento.
Mas era alegre
falava à toa
entre violeiros
como um responso
como um repente.

Abelardo

(carta nunca escrita a Heloísa)

Queria roçar-te agora e anseio assim:
Tocar com a mão a alma de teu corpo
E não o espírito, Heloísa, etéreo e fugidio
e fiel demais à prece de meus dedos.
A aura sim. O suor de luz de ti e o selo
do lugar da crença onde o teu rosto
evita a vizinhança má do mundo.
Quisera tocar-te e te sentir no sonho
como voa a gaivota cinza sobre a água
e no ar volteia o desenho de um jardim.
Quisera tocar-te e te reter um pouco e só
como quem vai a um poço e vai sem sede
pelo desejo apenas de ir-se e vê-lo
e, sem beber, contemplar seu fundo espelho.

Adélia Prado

(lembranças de uma conversa sobre o fim-do-mundo)

Aqui, nesta cozinha
com as janelas abertas pro quintal
eu faço pães e meus poemas.
misturo na madeira desta mesa
amassada sem pressa, vagamente
pelos anos dos dedos da avó
a farinha de trigo e as palavras.
Levo tudo ao forno quando em brasa
e por isso os meus pães, como os poemas
devem ser comidos ainda quentes.

Rubem Alves

(ele falava sobre o meio-dia e o pôr-do-sol ... poetava)

O sol acena adeus e tardo parte
pra casa de onde volta às seis-e-meia.
De mel e triste se cobre a tarde agora
e tudo é tão caseiro e tão poesia
(como o cheiro do pão, da lã, do vinho
uma fruta de caqui, um alguém na sala
e o fogo ardendo num fogão de lenha)
que o ma do amor se esquece nessa hora
e o corpo canta o que a alma silencia.
Pois entre um trago e o olhar de tudo à tarde
quando não é nem então e nem ainda
por três minutos a vida – como outrora –
é tão boa de viver e – como a alma – arde.

Woodworth

A calma da alma da água
repousa em meu pensamento.
Um silêncio belo e de prazer acena
e o céu, sereno agora como nunca
nafraga um barco em meu coração
e juntos e sem medo
mergulhamos os dois no sonho.

João Cabral de Melo Neto

Escrevi na pedra
e com areia
este poema
pra se ler
com os dedos.

Moacyr Laterza

(um dia, antes, em Diamantina)

Era Minas...
havia um vento
e era abril.
Abri os olhos
havia sete cores.
Fechei de novo
havia sete mil!

Paulo Freire

(sobre conversas simples, em volta de nada)

O quê dizer a um outro
o que me escuta
sobre o que houve
senão assim:
fala! Eu ouço?
E, depois, dizer:
agora eu falo. Ouve!

Emmanuel Lévinas

Ah! Outro
esse difícil
este lado de mim
que não sou eu.
Como te achar, outro
e te querer neste rosto
que eu sou e não é meu?

Jerônimo

(antes e render-se, se isto houve)

Eu sou o que resiste.
Pois o Grande Espírito
a um feiticeiro apache disse:
*para que a Terra sobreviva
mate o branco!*
Cumprí o seu mandato como um rito
e cumprí este mito como um mando.
Mas, ai da Terra! Ai da Terra!
nossas flechas se acabam, nossas lanças!
Teus filhos – Terra – são um povo pequeno
e tão sagrado e o povo branco – profano
é infinito!

ALGUNS VIAJANTES**Ulisses**

As mãos que trouxe
esqueço no meu corpo.
Estrela de Antares me desvelo
e – grego – me perco e me apregôo.
Se é cedo hasteio a vela ao tempo
e velejo à volta de meu ombro.
Aí vou e onde ancore salto e então revejo
A ilha de quem sou quando era arcanjo.
Arcano duende sofredor e crente
aceno o pano da pele ao longe
do país da pessoa de onde venho.
Aceno e já nem sei se ainda creio
ou se adivinho na imagem do rosto
de meu nome – o meu destino.

Colombo

(como Magalhães)

O mundo pouco
e o oriente, ali.
Se há vento, vou.
Sou navegante
e sei de um sonho:
uma outra terra
até onde ir.
Quando eu nasci
havia um anjo errante
a leste de meu nome
e quando eu volto
eu volto a quê, aqui?

Fernão de Magalhães

(como Colombo)

Não vim do mar
o mar veio comigo.
Se a Terra é sem termo
eu nunca vi: mas sei.
Diziam: *viver não é preciso...*
Ouvi e naveguei
e a viagem foi pequena
estranha e infinda.
E agora volto: a quem?
Se o que eu buscava antes
busco ainda?

Marco Polo

(na viagem de volta, corrigindo enganos)

Quando aportei a Leste
de uma terra estranha
onde o mundo termina
eis o que eu ouvi:
volta de onde vens
se há tempo ainda.
É lá que a Terra acaba.
Ela começa aqui!

Ulisses

(ouvindo a voz do pai)

Há uma ilha só, um só lugar:
Ítaca! Ítaca! Ítaca!
O resto do mundo é só o mar
e, se outras há, são de Circe
não ir lá – filho – não ir lá!
e não pelo perigo (ele é teu sonho)
mas pelo que se olvida ao se parar.

Bartolomeu Dias

(diante de outros)

Eu não me fiz de arisco
e nem de atento
por ser um rosto no cobre dos vinténs.
Nem por mandos de Deus eu fui tão longe
(não ousa tanto... eu sei. Eu sei!)
Não foi por isso que alcei a vela ao ombro
e saí dando prece ao mar e ao vento.
Marinheiro, eu nunca quis castelos
e nem o meu nome em terras ou no tempo.
Me fiz de velejar – de ir-me e sempre
entre uma ilha e outra e outra à frente
em busca de ouvir o chamamento
do que é em mim o nome de meu medo
e o meu assombro.
Pois quando tudo há, que ainda se invente!

Jung

Sonhei que tive um sonho
e ele dentro do sonho eu me sonhava.
Uma mandala me cobria o corpo
além do silêncio havia um nome
atrás da mandala havia um rosto
e por detrás do rosto havia outra.

Dois cegos videntes**Homero**

Cego, eu vi a fúria de Apolo
o das flechas de fogo.
Eu vi como o amor atalha a ira
e vi como a água apaga o sangue
e a alma ferida esquece o corpo.

Jorge Luís Borges

quatro

Quem ganha o que quando
vem o esquecimento?
E que saber existe
no rosto atrás da ciência?
Cego, esqueci o eterno
e encontrei o momento.
Cego, perdi a visão:
ganhei a vidência.

O Quixote

(dito também: “O da triste figura”)

um

E voltou tudo
ao que era dantes.
Quando ele disse:
vamos! Rocinante!
E foi embora
três moinhos viraram
três gigantes.

dois

Quatro velas se apagam
e eu morro nesta tarde. Morro
de sonhar e não fiz nada
com o meu cavalo, a lança e a espada.
Mas como o sonho de que morro agora
eu fiz esta estória inigualada.

ALGUNS HEBREUS

Tobias

De um anjo
eu não perdi
e nem ganhei.
Mas foi ele
quem partiu
e eu fiquei.

Moisés

Bati na rocha
assim: com o bastão.
Saiu água – bebi
e vi que é bom.
Subi ao monte só
(havia um fogo)
e voltei com duas
pedras entre as mãos.
De lavé a lei é a espada
e a água: o dom.

Josué

A Tora se enganou.
Foi o brilho do sol
quem o meu braço parou.

Noé

(espantado e algo ébrio)

Naveguei, lavé
quarenta noites
e mais quarenta dias.
Uma pomba veio
havia um ramo verde
e um arco-íris.
Desci da arca e vi então
que o mundo novo
era tal e qual o que havia.

Os Reis Magos

(não hebreus, mas como eles)

Vimos viajando
do Oriente
em busca de um menino
de uma lenda.
Montados em camelos
e cansaços, trouxemos
três perguntas
e um presente.
Uma estrela veio
à nossa frente
e como nós – errantes:
às vezes brilha.
Às vezes cala.
Às vezes sente...

Daniel

Não foi o milagre
O fogo não queimar.
Foi milagre essa gente
na fogueira, cantar.

Jonas

Ele fez a viagem
Viajante do incrível:
De dentro do peixe
Descobriu o seu grito

De dentro do escuro
Descobriu o claro
Que trazia dentro
De seu verso raro.

Zacarias

Fizeram desses feitos
com as mortes
e depois me convocaram
a vir falar sobre as festas
do sertão. Fechei as mãos
e com as duas mãos fechadas
gritei aos pobre: *bastá!*
E aos ricos: *não!*

Marx

(francamente realista)

Não vim dizer aqui
O que eu sei.
Eu vim dizer: “*aqui!*”
E isto eu sei.

Lévi-Strauss

Sonhei um sonho
e nele alguém
sonhou comigo.

Era um outro, não sei
e segredava isto
em meu ouvido:

escuta. Escreve!

O mito é a sombra

da lembrança de um sonho inesquecido.

Gandhi

(dita também: Gandhiji, o Mahatma)

um

Fui ao mar
colhi o sal.
Com um gesto
das duas mãos
venci o mal.

dois

Nunca vi um milagre de Deus
que não coubesse em meu tear.
Deus me vem com as duas mãos
e a minha prece é tecida de algodão.

Xesus

(Jesus, um padre dos Ancares, na Galícia)

Era um daqueles
em nome de quem
em janeiro a neve não havia.
Não costumava crer
em milagres de almanaque
riscava passagens do Evangelho
e rezava missas sem sermão.
Andava cedo de botas
e bastão de castanheira.
Plantava trigo e centeio
e falava pouco sobre o pão.
Abriu estradas nos montes
com as mãos, a vida inteira.

Marcos Arruda

(nos idos dos sessenta)

Contra a dura pena
Do voo do homem
ameaçado
resta a esperança
e a ave viva:
mesmo amordaçada.

Regis de Moraes

(João-Francisco)

Escrevendo – mineiro manso
da Mantiqueira, em Passa Quatro –
poemas sobre Ernesto Cardenal
esse raro poeta de repentes
era como as flores de um jardim
florescendo num fundo de quintal.

Três mulheres poetas***A primeira*****Maria Antônia**

Quando eu crescer um dia
vou querer ser – talvez
só este instantezinho
de novo, outra vez...

A segunda**Rosália de Castro**

Bem ali, longe, depois de Bastavales
por detrás dos montes de Padrón
o sol desfaz a cama e adormece.
Meu coração que mal acorda de sofrer
lembra quando foi e chora triste.
E chora tão triste – e me anoitece.

A terceira**Cecília Meireles*****um***

Na rua, na noite
clara e fria
a lua lembra tudo
e conta ao dia.

dois

Mas quando nasce o sol
esqueço a lua.
O que restou de seu rosto
pela rua?

Roland Barthes

(a respeito de ilhas da vida)

Aprendi de sofrer
o sofrimento
e de aprender aprendi
o esquecimento.

Marshall Sahlins

(a respeito de ilhas de história)

O esquecimento do outro
chega cedo e lembra à história
os silêncios do sono adormecido
na porta da casa da memória.

Joaquim Brandão

Filmes?

Preferia os mudos

e plantava ninhos

nos quintais de longe.

Queria o bem de tudo

o tempo todo e, amoroso

com a vida a cada instante

convivia com o silêncio

como em sonhos. Era sozinho.

Entre tantos e foi um homem

que nasceu pra monge.

Adriano Martins

(sem Gentio do Ouro, ansiando águas)

Beiras do Chico

Beiras sem fim

Beiras de Minas

Beiras de mim.

Ricardo Viola

(nos vãos da Mantiqueira, entre negros)

Ah! Meu são Benedito

Da Companhia

(crescendo)

Ah! Meu São Benedito

Da Companhia!

(mais ainda)

Ah! Meu São Benedito

Da Companhia!!!

(os tambores como trovões)

Ah! Meu São Benedito

Da Companhia!!!!

Gustavo Gutierrez

(lembranças de Cambridge)

De joelhos na terra como quem crê
ele ora sem pressa à lembrança
de um deus que relembra
quando é agora.

E o deus da prece vem dos montes
e coloca sete flores brancas
sobre alma aymara da memória.

Walter Benjamin***um***

Da vida de hoje
eu sei de memória
o que ela esquece
quando chega a história.

dois

Uma história do futuro
é nula ou é sua?

Ilya Prigogine

(sobre o fim das certezas)

Entre sempre e antes
a flecha do tempo
é de novo incomum:
em qualquer momento
ela sai de qualquer ponto
e chega a qualquer um.

Popper

(idem, com dúvidas)

Quando acerto
o que penso
não sei
se estou certo.
Mas quando
eu erro eu sei
do erro e, então
acerto.

TEÓRICOS DE ENTREMEIO**Galileu Galilei**

(aos sussurros)

Com a fogueira que não me queimou
eu vou queimar a metade do que disse
e assim irei salvar a metade de mim.
Não na metade que restou do que pensei
mas na metade em que eu pus fim.

Giordano Bruno

(aos berros)

Vamos! Acendam a fogueira!
Daqui, enquanto vivo eu grito.
Ouçam: *tudo é um e o um é uno.*
As coisas de Deus são Deus
e existem – como a vida – juntas!
Ah! Me ouçam! Ainda é tempo!
Eu achei as respostas. Eu achei!
E então vocês trocaram as perguntas.

Newton

Dormi e acordei
de um susto.

A maçã caiu
foi um segundo
e eu vi ali então
a lei do mundo.

Descartes

um

Na pedra escura
O giz branco escreve isto:
*escrevo e não penso
logo, existo?*

dois

Mas desse jeito pesaroso
a lembrança diz de si:
*eu lembro a outros
o que eu mesmo esqueci.*

Viventes de Camelot**Morgana**

De meu irmão Arthur
eu quero o corpo.
Quero a alma e o suor
o sangue no meu
e o mal da lei.
Quero a boca colada
no meu seio
e no sexo eu quero
a mão do rei.
Quero a chama do ardor
do que eu desejo.
Quero o ódio do amor
partido ao meio.

Merlin

Chove e é junho
Chove e faz calor.
A espada abandonada
sobre o chão
e esse dois amassando
as flores do campo
com o corpo.
Amanhã haverá pranto
em Camelot.

Romeu

(em um quarto em Verona)

Ai, amor, vem!
Cospe da boca esta amora
e não demora.

Francisco

(nu na praça em Assis)

Dei tudo o que tinha
e agora vejam:
ainda tenho tudo.

ALGUNS GREGOS, ALGUNS TROIANOS**Ícaro**

Não voltar, Ícaro
não voltar! É subir
e voar voar voar!
E se a morte vier
melhor ... melhor!
O voo é sempre além
e o céu é teu, não vês?
Se nada existe na volta
à casa, na queda há:
pois quando se cai
de se ir, o céu é lá.

Orfeu

Havia em tudo o sal da sombra
e havia à volta do ar do precipício.
Era olhar para trás e pronto:
o retorno ao só e à esfinge
e ao espelho da face de Medusa.
Ah! E ela vinha e olhou. E olhou!
E a voz que calava os passarinhos
não calou a morte. Não calou...

Narciso

O olhar de surpresa
de quem se procura
na imagem o segredo.

No vidro do poço
da beira do brejo
a água se espia
no lago do olho
do rosto do outro.

Achiles

um

Meu destino é:
Não voltarei!
É este o que Zeus
Me há de dar.
Não desespero:
eu sei ... eu sei!
Mas antes calço
esta sandália
aberta assim
no calcanhar
e cumpro outro destino
o que eu quero!

dois

Uma seta só
bastou
e quem matou mil
ali ficou.

Heitor

(chegando ao Hades)

Atena me enganou
e contra os deuses
o que? O que lutar?
Guerreiro de Tróia
nem de amor morri
ah! Nem de amor...
morri de não saber.
Morri de errar.

A mãe de Heitor

Não vou dar a Atena este prazer.

Não vou chorar a morte

e no tempo apago a chama

e arranco os véus.

Me dói a falta – eu sei – me dói

e dói saber que o que é em mim

o sofrer é, aos deuses, a sorte.

Brizeida

(depois do que houve no começo da Iliada)

Helena, a rainha

(vede o que eu digo)

ela fez muito. Mas eu

a serva, fiz mais.

Por ela foi a guerra

de dez anos

e por mim, Achiles

quase a paz.

Penélope

Artesã do amor
eu sou o ardil.
Fiel ao que viaja
e chega um dia
por um fio de espera
– por um fio –
a mão esquerda
desfaz de noite
o que a direita
à tarde fia.

Nausica

(recendo Ulisses)

Vestido de linhos
serias, estrangeiro
um estrangeiro.
Nu e náufrago e sem
espelho da lembrança
és um de nós, aqui.
Um irmão que foi
e vem de longe, além.

Uma amiga de Nausica

(ao voltarem pelo caminho com Ulisses)

Nu daquele jeito
Ulisses se cobriu
com um carneiro.
Ah! Como eu tremia
de desejo e inveja dele
que a Ulisses cobria
o corpo inteiro...

Enéas

(fugindo de Cartago)

Não fico aqui. Não fico
e disso a Dido nada digo.
Às rainhas o fogo
e a nós, o mar amigo.
Se amei já foi, já foi.
O meu destino é Roma
e é Troia a mulher
que vai comigo.

Júlio Verne

Fui ao centro da Terra
e fui à Lua. E assim
subi descendi subi.
Viajei o mundo
oitenta vidas
sem sair daqui.

Ivanhoé

Feri com flecha
um pássaro cor de sangue
e o falcão trouxe o seu corpo.
Asso na brasa aqui no campo
a sua carne tenra e branca.
E com a fumaça da tarde
sobe ao céu do outono
uma frágil rara alma de anjo.

Três gentes do canto**Tonico**

(o que partiu, dos dois)

Quando eu já não esteja
quem cantará com ele
estes motes sertanejos?

Zeca Afonso

Amava as formigas
cantava dessas coisas
e era triste, irmão.
Pra não matar alguma
costumava andar sozinho
e ia atento nos carreiros
espiando o chão.

Gramani

(poucos dias depois de haver partido)

Carregava sapos na algibeira
e nos cabelos pendurava borboletas.
Era um violeiro de violinos
saraus, silêncios, trens de corda
sabiás e rabecas madrugueiras.
Quando morreu, um dia
viram a sua alma de poeta
caminhando flores e veredas
orquestrando corais de bailarinas
conversando com olindas e arapongas
e poetando entre os galhos das mangueiras.

Vizinhança de Manoel de Barros***um***

Nasci pra árvore
Tatu peba e traste
por isso escrevo
como quem escava.
Cresci pra peixe
lagartixa, lesma
caramujo e erva brava.
Por isso escrevo
como quem lavra.

dois

Foi uma tarde dessas, mano
e eu guardo dela um rastro
no alforje das lembranças:
um passarinho zunia no horizonte
e voava de longe pra mais longe
e era tarde e – lento – anoitecia
e da noite e do vôo da avezinha
me sobrou este resto de memória
me ficou esse traste de poesia.

As irmãs do bordado

(na beira do São Francisco, em Pirapora)

Eu vou crescer
pra Passarim
até o azul do azulão
nascer em mim.

Marcolino

(já velho, no Sertão do Palmital)

Era um sábio
De certeiras profecias.
Falava: *vai chover!*
Quando chovia.
Tinha poderes.
Às seis horas
da manhã dizia:
venha o sol. Venha!
E ele nascia.

Cioran

Vive dentro de mim
como um castigo
a maldição daquilo
que eu não digo.

Simbad

(dito: o marujo)

Era um marinheiro
dado à aventura
e ao espalhafato.
Sonhava uma princesa
a cada dia,
um dia beijou uma:
virou sapo

Álvaro de Campos

Quando eu me olho de mim não sei
pois não aprendo a pensar o que eu senti
e assim me perco às vezes no fugir
de quem eu sou no ser de quem serei.

E então me fujo do ontem que eu vivi
como um rio que passa e vai e flui
pois não me acho no rosto de onde vim
e nem estou na pessoa de quem fui.

E assim é. E assim viajo e velo e vou
como quem caminha e, de repente
para e pensa: *esse sou eu e eu sou?*
Ou é um outro eu que em mim se sente?

Dois pintores**Van Gogh**

Manchei a mão de cor.
Azulei a noite.
O negro é meu horror.
Tingi! Pinte de amarelo
a escuridão.

Siron Franco

(sobre o Césio 137)

O branco de teu rosto
brilha
de uma luz frágil
maltrapilha.

Alicia Barajas

Em Trujillo, Espanha
Vestida de negro e teoria
rara e bela, distante
mulher de Andaluzia
falava argumentos e perguntas
sobre o rosto dos sonhos
que há nos mitos.
E, como a frase que dizia
a cabeça do outro imagina:
em que pensava?
Mas o coração pergunta:
o que sentia?

PENSADORES DE MUITO ANTES**Pitágoras**

(longe de Samos)

Memória de viver...

Contar meus tempos.

Morri nove vezes

cada dia que tive

a cada vez.

Uma vida esquece

a outra, acaso?

Acaso esquece o fruto

a flor que o fez?

Parmênides

Não morre a chama

quando acaba a vela.

O Ser me rói a alma

e deixa a pele.

Anaximandro

O mar de minha ilha cerca o mundo.
Ali eu cerro os olhos e entrevejo
esse ir sem fim de tudo ao ser.
E isso é a face ou é o espelho?
A vida ou a vertigem? O pó? A dor
do ter do vir? Do há do haver?
O que une o que separa
do que separa o que une?
Ou o que vai, por ser tão tudo:
do amor ao ódio, do ódio ao amor?

Anaxímenes

Tudo o que arde
aspira ser eterno.

Heráclito

(dito: o obscuro)

um

Tudo flui
e enquanto falo
flui.

Dois

Num mesmo rio
não entro duas vees.
Pois ele é igual
e sempre o mesmo
e eu não. Sou nuvem
e nome. Errante, vago
e mudo. Viajo a esmo.

três

Quando digo: *tudo*
sou um
e quando: *flui*
já um outro.
Mas digo e assim
Sou eu ou sou nenhum?

quatro

(o fragmento 50)

Outra vez o eterno morre e é tempo
e sem trégua o tempo passa e eu passo
e findo e retorno ao zero e ao fim:
do quê? De quem? De onde? E quando?
E a sombra da luz clareia o acaso
e a memória de um rio me diz assim:
*quem há? Se a areia para na ampulheta
e o rosto de deus há um pensamento
a respeito de todos e nenhum?*
É tarde e a tarde flui e eu fui
e ouvindo a voz do Logos e não a mim
vejo que tudo e todos somos um.

cinco

Pronto! Agora seja!
Se é para ser
Que o ser me venha:
estou armado.
Mas como ele é: fluindo
o ir da alma de si mesmo
ao ser do fluir do todo.
O que torna tudo o fogo
e o fogo – tudo.

Sócrates

(na manhã da morte)

São as sombras as imagens?

E quando eu vou

quem vai comigo?

As de minha alma

só a morte mostra

e o meu rosto só o vejo

num outro, refletido.

Platão

(num banquete, meio ébrio. Furioso)

Poetas? Varrei-os daqui

enquanto há tempo!

Eles sonham como sombras

à espera.

Como se a vida, sendo a imagem

pudesse ser – agora – eterna.

Plotino

O sol é todas as estrelas
e cada estrela
é o sol e eu.

Tarzã

Ah! essa sina
de ser só...
pois nunca cabem dois
no meu cipó...

Manuel Bandeira

Ficou o canto
do outro. De um outro
que ouvi e ouvia.
A voz cantora
desse outro triste
que eu cantava
o que eu sonhara
e não sabia.

Fernando Pessoa***dois***

No lugar de minha aldeia
passa um rio.
Passa um rio pelo chão
de minha aldeia.
Como é belo o rio
que vagaroso passa
em minha aldeia
enquanto ele atravessa
a minha aldeia.

Três modos de pesca

Luis Palacin

(a pesca pela pesca)

Luis Palacin costumava transformar-se quando n'água. Exemplo: sendo espanhol tirava o terno e a gravata. Outro exemplo: mesmo padre nunca se dava ao milagre nem permitia na pesca sortilégios ou rosários.

Quando pesca joga n'água proposições demonstráveis teoremas que propunha aos peixes com quem trabalha ou equações que ele urdia e contra o rio atirava.

Se o próprio Cristo dissesse:
Luis Palacin, lança a rede!
Com certeza não lançava.

Mais certamente diria
(reverente, inquebrantável):
*na pesca vale a charada
como o esperar pelo peixe
e a sua carga de azares.
Como o entrar em luta armada
contra efeitos previsíveis
(mesmo quando favoráveis.)
Contra o que rouba da pesca
sua magia quase exata.*

Joel Pimentel

Para Joel Pimentel
pouco peixe é pesca boa
do mesmo que muita pesca
é peixe pescado à toa.

O que vale em beira-rio
é o ser da pesca pensado.
O que vale é o só pescar
a coisa-em-si e o seu fato.

Mesmo quando o peixe, raro
seja ainda demorado.
Ainda que o peixe, pouco
não ocupe meio prato.

Pensador de vara e livro
Joel Pimentel pescaria
sem um só lance de anzol.
E pescaria sem rio. E até
sem peixe pescava.

Pois mesmo que volte à casa
sem nada – jornada fraca
pesca e guarda na cabeça
a própria pesca pensada.

Modesto Gomes

Modesto Gomes não pesca
escreve sobre: relata.
Escreve “sobre” e, escrevendo
pesca num tempo de fada.

Quando pesca ele se amarra
não ao peixe, mas à pesca
ou nem à pesca, mas dela
o que se conta de raro.

Modesto Gomes, cronista
quando pesca, pesca assuntos:
menos o peixe que o outro
falando de pesca a fundo.

Não pesca, mas se pescasse
seu peixe estranho virava
mais do que o prato, a notícia
melhor que a comida, o caso.

Garcia Lorca

(como Guimarães Rosa)

Disse *Granada*
ao morrer
e não morri.
Fiquei no que disse.
No que escrevi.

João Guimarães Rosa

(como Garcia Lorca)

Sertões de onde eu vim.
Quando a morte chegou
eu compreendi:
Nonada! Nem a morte
matou, nem eu morri.

Merleau-Ponty

O olho que vê o mundo
é o mundo que o olho vê.

O olho que vê o mundo
É o mundo que, olho, vê.

O olho que vê o mundo
É o mundo que olha e vê.

O mundo que vê olho
é o olho que o mundo vê.

Jesus de Nazaré

(dito também: O Cristo)

Certas palavras
quando ditas queimam.
Outras, quando pensadas
acendem o fogo.
Este homem inventou esta:
amor
e a dizia entre os pobres.
Que seja morto!

Tonho Ciço

(Antônio Cícero de Souza, lavrador de Minas)

Não são muitos os maíos da vida
quando um vivente pode se assentar
na beirada da noite e do silêncio
enquanto a toalha do rio espelha a lua
e navega um veleiro de meninos
entre matos de ingás e gameleiras.
Não são muitos os minutos de um homem
saído do trabalho das sementeiras
para enrolar no feixe dos dedos
um cigarro manso de palha seca de milho.
Deixai-me portanto, Bom Jesus dos Perdões
ficar por aqui remoendo os meus mortos
pelo menos enquanto a fumaça da brasa
ainda cria no ar de maio nuvenzinhas de conto
que o vento dos montes toca e a noite embala.
Véus de fogo nunca tão densos, tão escuros
como os fumos que um homem velho como eu
acende e faz subir dos fogos do coração.

Kaváfis

Não seria preciso, Atena, dar a
este corpo agora calmo, envelhecido
as imagens dos tempos dos heróis.
Pois nada foi elmo e nem escudo
e nem foi a carne na brasa aos deuses
e nem o vinho da oferta, mas do gozo
e nem a volta pelo mar de Ulisses.
O que eu fiz foi entre roupas de mercado
e a lembrança do tempo vem com o vento.
Agora, quando não há mais o ardor do moço
espero a morte como quem fecha a porta
e a acende a vela na mesa de seu ícone
e varre a casa feliz, depois da festa.

Riobaldo***um***

Me amô e olho e “vou”.
No “de Janeiro”
eu perguntei quem era.
No Rio do Sono
eu descobri quem sou?

dois

De noite eu me desvisto
aqui, na beira deste rio.
tremo de ânsia, mano
e não de frio.

Diadorim

Um friozinho de triste
entrou em mim.

Ivan Vilela

Minas, eu pus toda
dentro da viola
e a vida eu pus
no canto e o canto
na sacola.
E ali vamos.
Ela: viola
e eu: vilela.

Clarisse Lispector

(isso é dela, nada meu)

Até hoje só consegui nomear
como a própria pergunta.
Qual é o nome?
E este é o nome.

André Brandão

Acordei com almas de coruja
em manhã de chuva no arvoredo
e olhar de boi em pasto de janeiro.
Queria o resto da sobra do almanaque
e um doutor em piruetas, em murmúrios.
Queria desentender de geografia
e dos livros de regras de gramática
onde todos os verbos são gerúndios.
Queria mesmo é falar de coisa alguma
numa roda de meninos e mendigos
de velhos de casaca e saltimbancos,
os que desenham com o ouro das abelhas.
Eu sonhava suspiros de princesa
por um príncipe que uma tarde virou sapo
em um mundo todo cheio de domingos
e um dia de natal em cada mês.
Queria filmes sem nome, só imagem
como um dia eu sonhei e foi assim
e acordei jardineiro e bailarina
equilibrista em corda de arco-íris
e inventor de lendas de andorinhas.
Sonhei que eu era um sonho que sonhava
e me achei entre mago e maravilha
semeando um céu de araras e de estrelas
no fundo dos quintais onde há crianças.
Me vesti de anjo e de andarilho.
Desandei vida, cresci pulando muros
escalei montes onde não havia a morte
e aprendi a andar fora do trilho.



***Este escrito é a versão de um livro de poesias
com este nome:***

OS NOMES.

***Existe em uma edição antiga
da Editora Mercado das Letras
Como todos os outros desta
e de outras sequências de escritos meus,
ele pode ser livre, solidária e gratuitamente acessado
para se lido ou utilizado de outras maneiras.***

***Quase tudo o que escrevi ao longo da vida
pode ser encontrado em***

***www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br***

LIVRO LIVRE